

Apresentação

Uma conversa com György Lukács¹

Vitor Sartori²

O stalinismo é mais que uma interpretação errônea ou uma aplicação defeituosa do marxismo: é a sua negação. Sob o stalinismo não há teóricos, apenas táticos.

O problema é que hoje não há mais marxistas. Nós simplesmente não temos uma teoria marxista. Acredite, hoje, é preciso fazer o que Marx fez com o capitalismo de sua época. Devemos fazer hoje tanto com o capitalismo quanto com o socialismo.

Temos perdido o chão, e as coisas parecem nos escapar. Há novos fenômenos sobre os quais não temos nada a dizer. Esperamos pela grande crise do capitalismo, mas o capitalismo não tem uma crise significativa desde 1929, porque, por enquanto, o capitalismo tem dominado toda a vida social. Não gostamos de dizê-lo, mas é verdade.

I

A entrevista com a qual nos deparamos expressa muitos dos dilemas do século XX, caracterizado por um mundo moldado sob a sombra da Revolução Russa, que, em outubro de 2017 completou 100 anos. Para que sejamos honestos, é preciso que se aponte que este mundo, em grande medida, acabou. Isso, é claro, não quer dizer que os seus problemas centrais – relacionados à vigência do modo de produção capitalista – tenham sido superados. Antes, ocorre o contrário. Neste sentido, algumas questões que hoje são claras, como o caráter tosco e esquemático do “marxismo” soviético, bem como o caráter contrário ao espírito marxiano do stalinismo, aparecem de modo bastante destacado nas opiniões de Lukács, que até o final de sua vida acreditou ser possível a construção de um socialismo não burocrático nem marcado pela miséria ideológica, características que permearam a sociedade soviética. Se, para o autor, “a construção do socialismo não está interdita e fatalmente sufocada pela burocratização”, talvez suas esperanças no “socialismo” que marcou o século XX tenham sido bastante contrariadas pelo desenvolvimento (regressivo e brutal) do modo de produção capitalista que se deu depois da morte do autor húngaro, em 1971.

Na entrevista que se segue, vemos, ao mesmo tempo, um Lukács angustiado com a miséria ideológica “socialista” – que nem sequer teria

¹ Todas as citações aqui reproduzidas referem-se à Conversa com Lukács, publicada a seguir.

² Professor Adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais.

superado o stalinismo e teria redundado em um taticismo ossificado e irrefletido – e que ainda apostava no marxismo (que precisaria “renascer”, retornando a Marx) que teria Lênin como seu último expoente.

O autor da *Ontologia do ser social*, assim, é bastante duro sobre este aspecto: seriam praticamente 50 anos sem um marxismo digno de tal nome! E mais: isto seria bastante daninho ao desenvolvimento do “socialismo” vigente no século XX, o qual precisaria de meios políticos³ para que houvesse uma mínima possibilidade de se pensar em uma transição aproximada do que Marx preconizou, ao mesmo tempo em que, sem uma teoria marxista sólida, não haveria uma estratégia socialista consistente. De modo que, diz o autor, “na realidade, nós não temos política porque nós não temos teoria”, tratando-se daquilo que marcou o stalinismo, e que continuaria vigente no final do século XX (e talvez até hoje) no campo da esquerda: “simplesmente a substituição da teoria pela tática”. Para Lukács, tal situação seria patética, provando a necessidade de se pensar de modo bastante ríspido e duro aquilo que vinha sendo chamado de socialismo (dicção aceita pelo próprio autor húngaro e em relação à qual temos muitas ressalvas):

O socialismo também precisa de uma crítica contínua e de uma análise desmistificadora; isso deve ser feito em escala mundial, mas ninguém está fazendo isso, ninguém pensa sobre isso. O que está acontecendo é grotesco. (...) os marxistas correm para acompanhar os eventos, para entendê-los depois de ocorridos. Sua teoria é um pouco mais que uma racionalização da sua surpresa.

Embora a compreensão da obra marxiana seja necessária, ela não basta, de maneira que seria cômico o procedimento de muitos marxistas: trazer, sem as mediações necessárias, uma citação de Marx para resolver uma questão prática da atualidade. Ao mesmo tempo, o pior do cenário que trata Lukács é: nem sequer a teoria marxiana seria estudada seriamente. Ou seja, a derrota seria dupla: grande parte daqueles que levam o autor de *O capital* – supostamente – a sério não o estuda; outros o leem, mas com alguma semelhança com moldes escolásticos. A angústia do marxista húngaro, de certo modo, transborda em suas palavras. Elas, por sua vez, na ânsia de serem escutadas, em especial em uma entrevista (em que o tom é dado, em grande parte, pelo entrevistador), por vezes, aparecem de modo muito menos preciso que o usual nos textos lukacsianos, como a *Estética* ou a *Ontologia*. Ou seja, tanto pelo contexto quanto pela forma, a entrevista

³ Aqui não podemos tratar dos meandros da questão da política em Lukács, infelizmente. Dizemos somente que a elaboração da questão no autor húngaro não é ausente de tensões e de aporias, relacionadas, sobretudo, ao solo social em que o marxista se colocava.

aqui publicada aparece como um verdadeiro documento das aporias do século XX, as quais marcam mesmo um dos seus maiores intelectuais.

II

Um dos pontos em que, ao mesmo tempo, Lukács tece críticas decididas e, por vezes, é obscuro, apresenta-se quando trata da sociologia. O autor diz com todas as letras que “a sociologia parece um enfado”, de modo a reiterar sua crítica demolidora realizada em *A destruição da razão*. Destaca, ainda, que “hoje, fala-se de uma abordagem interdisciplinar, mas eu suspeito que por trás da busca por ‘uma abordagem interdisciplinar’ há uma enorme confusão conceitual”. Assim, enfatiza a sua postura, compartilhada por Marx, da crítica ao conhecimento parcelar, o qual, no século XX, adquiriu traços bastante tecnicistas com a “fragmentação das especialidades, altamente técnica”. Ou seja, não haveria espaço para a sociologia como concebida usualmente, dado que a origem mesma desta abordagem estaria na elaboração de uma teoria da sociedade que não compreende a estrutura econômica da sociedade, o que, diz o autor húngaro em *A destruição da razão* e na *Ontologia*, ocorre mesmo com alguém como Max Weber, cujo conhecimento enciclopédico seria inquestionável. Para Lukács – que, talvez devido ao seu interlocutor, e talvez por não ter tido o cuidado suficiente, vem a aceitar a existência da “sociologia” e mesmo acredita poder fazer uso crítico da sociologia burguesa –, a posição da teoria não marxista sobre a sociedade seria a seguinte:

A fragmentação das ciências sociais pode ser rastreada precisamente na história da tradição burguesa, que promoveu a especialização até o ponto da separação. Desse modo, as ciências sociais estão impotentes na compreensão da sociedade como uma totalidade, tornando-se, em vez disso, instrumento de mistificação.

As “ciências sociais” – dicção que não deixa de remeter à oposição de Dilthey, aceita na “juventude” por Lukács, entre “ciências do espírito” e “ciências da natureza” – seriam um enfado também, marcado pela especialização e, na melhor das hipóteses, pela tentativa de uma espécie de amálgama entre os diferentes campos especializados. Tratar-se-ia de um “instrumento de mistificação”; no entanto, a dubiedade da posição lukacsiana aparece quando ele se utiliza de tais teorias (são bastante presentes passagens de Weber e de Galbraith na *Ontologia*, por exemplo), questão que é vista como um problema pelo próprio entrevistador. O marxista húngaro, assim, responde: “Marx usou os economistas clássicos, especialmente Ricardo, e, assim, aprendemos a usar, de um ponto de vista

marxista, as contribuições da sociologia burguesa”. Aqui é necessário que apontemos uma questão decisiva, a partir da obra do próprio Lukács (em especial *O jovem Hegel* e a *Ontologia*): Ricardo, tal qual Hegel, é o ápice da ciência burguesa, com uma honestidade e com um senso de realidade (por vezes, com certo “cinismo”) ímpares. Segundo o próprio Lukács, a questão é muito distinta na sociologia. Em *A destruição da razão*, o autor húngaro deixa claro como o surgimento deste campo de estudo está marcado pela decadência burguesa e, no limite, por uma apologia, mesmo que indireta, ao próprio capitalismo. Deste modo, resta uma importante questão: seria possível utilizar a sociologia burguesa tal qual Marx utilizou os clássicos da economia política? Parece-nos que, de acordo com o próprio Lukács, de modo algum.

Nesse ponto, buscando avançar no campo científico, ou seja, na compreensão da tessitura complexa da própria realidade efetiva, talvez o autor húngaro se apresse. Lukács aponta com razão que “o marxismo, longe de estar esgotado, mal começou. Em todo caso, e paradoxos à parte, o marxismo deve ser desenvolvido à medida que nós estudamos coisas que Marx não foi capaz de estudar”. E, assim, procura avançar. No entanto, o modo pelo qual justifica a utilização da sociologia burguesa é bastante problemático. Será que isto, real e efetivamente, macularia a teoria do autor húngaro? A resposta a esta questão nos parece central e, acreditamos, deve ser negativa. Veja-se: a ênfase do autor da *Ontologia* certamente torna seu apontamento dúbio, porém, é possível pensar a questão por outro ângulo. Se é verdade que a sociologia burguesa não chega aos pés da cientificidade da economia política clássica, é possível compará-la com o estatuto da obra de outros autores estudados por Marx. Este último não deixou de estudar pensadores especializados e mais ou menos problemáticos do campo que, por exemplo, hoje seria chamado de antropologia – sendo Morgan um dos que Marx mais respeitava, e Maine, um dos mais apologéticos –, de modo que poderia ser bastante útil se debruçar sobre autores cujo rigor e seriedade não têm o mesmo alcance dos clássicos da teoria burguesa. Buscando desenvolver de modo sério o marxismo, na luta pelo socialismo, Lukács aponta que, ao mesmo tempo em que o “marxismo” de sua época seria o lixo stalinista, não se teria avançado substancialmente mesmo entre as melhores mentes críticas, já que “nós ainda pensamos o capitalismo como ele foi no último século, mas o mercado do século XIX está morto!”. Também neste ponto a angústia aparece na entrevista aqui publicada.

Ao mesmo tempo em que o desenvolvimento de uma concepção autenticamente marxista seria necessário para a práxis política socialista, o terreno estaria bastante arrasado. As esperanças de Lukács, assim, convivem com sua postura que reconhece a miséria de seu tempo. Esta dubiedade marca, em verdade, toda a sua obra tardia.

III

Os marxistas teriam perdido o próprio chão. Seria, pois, necessária uma dupla tarefa: de um lado, a volta ao próprio Marx, relacionada à necessidade de renascimento do marxismo; doutro, tratar-se-ia de abordar questões que Marx não teria conseguido tratar em sua época, tal seria o fardo da teoria marxista. É claro, isso no plano teórico. E isto seria bastante necessário para qualquer estratégia política, relacionada à construção do socialismo. Impossível deixar de sentir certo incômodo neste ponto. O autor aponta a necessidade da relação entre estratégia e tática e diz que uma tática que não se relacione com a estratégia socialista está fadada ao fracasso e à reprodução das mazelas do presente. Assim, assinala que seria necessária uma teoria marxista autêntica para que fosse possível uma política que pudesse romper com as vicissitudes do “socialismo” e do capitalismo. No entanto, há de se notar que a visão de Lukács sobre Stálin talvez precisasse ser revista. Veja-se o que o autor húngaro diz:

Stálin era um ótimo tático, em uma determinada situação, ele sabia imediatamente a melhor coisa a se fazer, e ele alcançou grandes êxitos. Ele com certeza estava certo contra Liebknecht e Rosa Luxemburgo. Da mesma forma, o pacto com Hitler e o aperto de mãos com Ribbentrop foram completamente justificados. Do ponto de vista tático, era um caso de mera necessidade. O grande mérito histórico do Stálin é ter compreendido essa imediatidade. Mas, infelizmente, Stálin não era marxista.

Na passagem, Lukács coloca-se claramente como homem de seu tempo, acreditando que Stálin teria agido “sob pena de ruína”. Deste modo, relaciona o stalinismo à necessidade de sobrevivência da sociedade soviética em condições internas e externas bastante adversas. Com isso, não tem dúvidas de que algo como o pacto germano-soviético teria sido necessário, nem de que a crítica a Rosa Luxemburgo tenha sido acertada. Trata-se de dois pontos muito problemáticos da história do século XX, certamente... Essa questão tem um duplo aspecto: ao mesmo tempo em que o marxista húngaro reconhece que, afinal de contas, o stalinismo – que critica de modo decidido – não foi uma simples contingência oriunda de algo como um “culto à personalidade”, ele vem a elogiar Stálin como um “ótimo tático”, de modo que parece que faltaria a ele “somente” trazer um pensamento embasado e, portanto, uma compreensão estratégica, já que “Stálin não era marxista”. Ao mesmo tempo, Lukács toca no cerne da questão sobre a União Soviética: seu desenvolvimento se deu de tal modo que o marxismo encontra-se sem chão, nem sequer havendo marxistas no sentido correto do

termo; a política stalinista foi um taticismo tosco e vulgar, de modo que obstaculizou o desenvolvimento do autêntico socialismo. Porém, mesmo que traga um apontamento ou outro sobre o tema, deixa de tratar do desenvolvimento efetivo das relações de produção soviéticas e, assim, ao invés de apontar o real obstáculo, em diversos sentidos, colocado pelo baixo desenvolvimento das forças produtivas em solo soviético, vem a aceitar – até certo ponto – oposições que se colocam no plano da politicidade e da direção partidária, também elas correlacionadas, em verdade, a sua dependência quanto à base real do desenvolvimento social russo e, posteriormente, soviético. Veja-se como isto se dá, de certo modo, de maneira dúbia:

Se me permite um paradoxo, Stálin era um trotskista. Contarei uma história para você. Entre Lênin e Stálin havia um desacordo acerca do papel e das responsabilidades das associações de trabalhadores. Trotsky dizia que elas deveriam ter como sua tarefa prioritária a construção do estado e, assim, deveriam agir em cada situação como um órgão do estado. Lênin, por outro lado, insistia que as associações de trabalhadores deveriam se ver como organismos de massa e compreender sua responsabilidade institucional como a defesa dos interesses imediatos dos trabalhadores da produção. Assim, você compreende o que quero dizer quando digo que Stálin era trotskista.

Aqui, não cabe tratar do acerto ou do erro de Lukács quanto à compreensão de Trotsky, mesmo que, acreditamos, fosse possível aprofundar a crítica lukacsiana ao stalinismo e ao “socialismo” da União Soviética por meio de um sólido estudo historiográfico, o que, de certo modo, e com nuances, o autor de *A revolução traída* tentou realizar. Dois pontos, porém, merecem ser destacados: de um lado, o autor húngaro não traz por essencial o embate entre Trotsky e Stálin, o que, talvez, possa ser bastante problemático, e que, no limite, pode levar, quanto ao tema, a um “claro-escuro em que todos os gatos são pardos”. Porém, com isso, ele, mesmo que não enfoque de modo decidido, acaba evidenciando o central: a questão da produção não poderia ser deixada de lado, de modo que organismos de massa (relacionados por Lênin e por Lukács aos soviéticos no primeiro momento da Revolução Russa) deveriam aparecer como centrais, trazendo à tona a correlação necessária entre os “trabalhadores da produção”, a “associação de trabalhadores” e tal “organismo”. Ou seja, traz-se um tema que é central para qualquer marxista e que – sob o “socialismo” soviético, típico do século XX e já morto hoje –, de certo modo, foi esquecido no que toca à transição. Em meio ao conturbado século XX, pois, Lukács não deixa de se posicionar e, mesmo que com meandros importantes a serem estudados com cuidado e aprofundados, sua posição parece bastante realista: a esquerda, e os marxistas em especial, haviam perdido o chão,

deixando de compreender aquilo que é basilar a qualquer um que busque fundamento em Marx. Neste cenário, o autor escreveu sua *Ontologia* e seus textos finais, de modo que seu legado permanece para nós que, hoje, estamos diante da situação presente, ao mesmo tempo, muito pior e muito melhor: muito pior porque a esquerda parece estar morta; mas também muito melhor porque aquele marxismo ossificado e tosco relacionado ao stalinismo parece ser um defunto. As potencialidades liberadas pelo desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção também fazem que tarefas burguesas ligadas ao implemento produtivo já estejam realizadas, de tal modo que, ao mesmo tempo, nunca estivemos tão longe e nunca estivemos tão perto da possibilidade de um socialismo digno de tal nome. Este relato que nos deixa Lukács é, ao mesmo tempo, sintoma do tempo que passou e um interessante ponto de partida para o futuro.

Como citar:

SARTORI, Vitor. Apresentação: uma conversa com Lukács. *Verinotio Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras. v. 23, n. 2, p. 235-241, ano XII, nov./2017.

Entrevista

Uma conversa com György Lukács¹

Franco Ferrarotti (FF) - *Talvez possamos falar sobre sociologia.*

György Lukács (GL) – Eu também estive interessado pela sociologia por muitos anos. Como você sabe, eu estudei com Max Weber e tenho boas recordações desses anos. Contudo, agora, a sociologia parece um enfado.

FF – *Quando eu comecei a trabalhar na sociologia, imediatamente após a guerra, a sociologia na Itália estava morta, esgotada, suprimida...*

GL – Muitas vezes me pergunto sobre o propósito e a natureza da sociologia como ciência. Pode a sociologia ser realmente uma ciência autônoma? O que significa autonomia nessa relação? Hoje, fala-se de uma abordagem interdisciplinar, mas eu suspeito que por trás da busca por “uma abordagem interdisciplinar” há uma enorme confusão conceitual.

FF – *Eu venho pensando que uma sociologia que tenha ao mesmo tempo fundamentação científica e uma direção política apenas pode se desenvolver a partir de uma combinação do neoidealismo com o tipo de empirismo fragmentário associado à sociologia estadunidense.*

GL – Nós precisamos ir além disso. Precisamos tentar definir, ou ao menos manter viva, a questão da relação entre sociologia, filosofia, economia e história. Quando perdemos de vista essas relações e nos limitamos a falar sobre uma abordagem interdisciplinar na pesquisa sociológica, então, não podemos evitar cair numa fragmentação das especialidades, altamente técnica. Desse ponto de vista, a influência estadunidense não tem sido positiva.

FF – *Talvez. Mas também me parece simplista falar em uma “sociologia marxista” como um pensamento que dê respostas. Nós precisamos estabelecer uma sociologia verdadeiramente crítica.*

¹ Tradução da entrevista concedida por György Lukács (1885-1971) que, em 19 de novembro de 1970, abriu a porta do seu apartamento, localizado às margens do Danúbio, para Franco Ferrarotti, sociólogo italiano; este, sem saber, faria uma das últimas entrevistas com o marxista húngaro, que faleceu sete meses depois. Publicado a partir de: FERRAROTTI, F. Conversation with Lukács. *World View*, Nova York, maio 1972. Tradução de Carolina Peters e Murilo Leite, com revisão técnica de Vitor B. Sartori. [NE]. Franco Ferrarotti foi um dos principais responsáveis pela institucionalização da sociologia na Itália, nos anos 1960. Em 1967 fundou a revista *Crítica Sociológica*. Dedicou-se, dentre outras questões, ao estudo do sindicalismo italiano, da sociologia urbana e da teoria social. [NT]

GL Concordo. Mas é importante compreender por que a sociologia americana tem, até então, se restringido à pura técnica, sem compreender nada do movimento geral da sociedade. A resposta é que a sociologia americana se apartou da economia. Não se pode compreender a sociedade sem levar em consideração sua estrutura econômica, pois você não pode estudar a sociedade em pequenas parcelas, a sociologia não pode ser uma ciência independente. O método de Marx, que Stálin derrubou, analisou a sociedade em sua completude, o seu modelo, seu movimento e o ritmo do seu desenvolvimento. Nós precisamos recompor essa unidade. A fragmentação das ciências sociais pode ser rastreada precisamente na história da tradição burguesa, que promoveu a especialização até o ponto da separação. Desse modo, as ciências sociais estão impotentes na compreensão da sociedade como uma totalidade, tornando-se, em vez disso, instrumento de mistificação.

***FF** – Contudo, existe uma necessidade de circunscrever e limitar cuidadosamente o objeto de estudo. Certamente, qualquer que seja a nova perspectiva que nós possamos desenvolver, não devemos simplesmente jogar fora os muitos resultados valiosos da pesquisa sociológica ao longo das últimas décadas.*

GL – Os resultados da sociologia atual, por exemplo, os da sociologia acadêmica praticada nos Estados Unidos, podem ser salvos. Alguns representam conquistas reais e contribuem com importantes informações. Eu estou interessado, por exemplo, em certas investigações relatadas por Galbraith². É claro que tais pesquisas são especializadas e, na ausência de uma teoria geral da sociedade, nunca alcançaram o coração do problema, mas podem, ainda assim, ser submetidas a um uso crítico. É preciso fazer uso crítico de contribuições parciais mesmo quando vêm de pessoas como Galbraith. Elas nos ajudam a entender como o capitalismo tem mudado e está mudando todo dia, embora a sua natureza fundamental permaneça a mesma. Marx usou os economistas clássicos, especialmente Ricardo, e, assim, aprendemos a usar, de um ponto de vista marxista, as contribuições da sociologia burguesa.

***FF** – Na sociologia burguesa não falta um quadro teórico abrangente, ainda que implícito...*

GL – Não. Na verdade, a sociologia burguesa não possui um quadro conceitual no verdadeiro sentido; não consegue ir além daquilo que o dado específico apresenta. Não pode escapar do empirismo vulgar, e a razão

² Aqui, possivelmente, Lukács se refere a John Kenneth Galbraith (1908-2006), renomado economista e filósofo estadunidense, conhecido por suas posições mais alinhadas à teoria keynesiana. [NT]

fundamental para isso é que falta à sociologia burguesa um verdadeiro sentido de valor cognitivo.

FF – *Não é contraditório, então, sugerir que nós possamos utilizar os resultados da sociologia burguesa?*

GL – Não há contradição. Como eu disse, cada resultado mostra, por exemplo, a natureza do desenvolvimento capitalista. No último século, o mercado e, portanto, o poder capitalista, foi direcionado para importantes mas limitados setores da vida econômica e social. A lógica capitalista focou em setores-chave da indústria, especialmente a indústria do aço ou, como nós dizemos, *Schwere Industrie*. Mas hoje o capitalismo colide com todos os aspectos da vida e os condiciona. A lógica capitalista tende a coincidir com a lógica do seu próprio processo social, espalhando-se e engolindo toda a vida social. Nós passamos do capitalismo parcial do último século para o capitalismo generalizado de hoje. A este respeito, o marxismo, longe de estar esgotado, mal começou. Em todo caso, e paradoxos à parte, o marxismo deve ser desenvolvido à medida que nós estudamos coisas que Marx não foi capaz de estudar.

FF – *Eu não entendo: como é possível para o marxismo ser o único e necessário enquadramento teórico do movimento revolucionário se esse quadro não está completo?*

GL – O quadro está completo. O marxismo é completo como uma abordagem essencial para o estudo global da sociedade em sua transformação histórica. É completo em seus modos de análise e seus critérios para estabelecer a hierarquia teórica daquilo que constitui a sociedade. Mas a completude do método não significa que se pode encontrar tudo em Marx. Os ingredientes específicos são fornecidos somente com uma investigação longa e paciente com base no método marxista. Aqui é onde os próprios marxistas têm se extraviado seriamente. Eles têm tomado o caminho mais fácil, restringindo-se a repetir as coisas que eles não entendem e tencionando as táticas acima e contra a teoria. Está claro, por exemplo, que Marx nunca estudou seriamente a economia da Ásia, África e América Latina. E ainda – pense nisso – em sua polêmica com Trotsky, Stálin inventou o feudalismo chinês. O que é realmente espantoso é que uma invenção tão estúpida tenha sido aceita por Mao.

FF – *Você está dizendo, em outras palavras, que a sociologia deve estudar Marx para poder aprender melhor os ensinamentos do marxismo.*

GL – Sim, mas o problema é que hoje não há mais marxistas. Nós simplesmente não temos uma teoria marxista. Acredite, hoje, é preciso fazer

o que Marx fez com o capitalismo de sua época. Devemos fazer hoje tanto com o capitalismo quanto com o socialismo.

FF – *Socialismo?*

GL – Sim, também com o socialismo. O socialismo também precisa de uma crítica contínua e de uma análise desmistificadora; isso deve ser feito em escala mundial, mas ninguém está fazendo isso, ninguém pensa sobre isso. O que está acontecendo é grotesco. Na falta de uma teoria, os marxistas estão condenados a perseguir os eventos diários. Movimentos coletivos estouram e são chamados “espontâneos” – os movimentos dos estudantes, dos jovens e por aí diante – e então os marxistas correm para acompanhar os eventos, para entendê-los depois de ocorridos. Sua teoria é um pouco mais que uma racionalização da sua surpresa.

FF – *Mas os movimentos que você menciona têm uma significância e raízes estruturais na luta contra a burocratização da vida social e pessoal. Certamente eles têm um significado que exige reflexão.*

GL – É claro, esses movimentos de protesto têm o significado que você diz, mas eles não podem ser compreendidos na ausência de uma teoria geral da sociedade. Sem tal teoria, a atenção centra-se nos aspectos pitorescos e bizarros, perdendo-se todo o sentido do movimento. Mesmo os marxistas que alegam possuir tal teoria geral são forçados a correr atrás dos eventos diários, atrás de tudo que vira notícia, de forma fragmentária e completamente antimarxista, porque eles não desenvolveram sua teoria.

FF – *Você quer dizer que houve uma ruptura no desenvolvimento do marxismo? Como? Desde quando?*

GL – Houve, de fato, uma interrupção. O marxismo, concebido como deveria ser concebido, isto é, como uma teoria geral da sociedade e da história, não existe mais. Ele chegou ao fim há algum tempo. Em seu lugar temos o stalinismo e continuaremos a tê-lo por algum tempo. O stalinismo tem sido descrito de muitas maneiras estúpidas, mas, na realidade, a situação é simples: sempre que a ação é posta na frente e em oposição à história, o resultado é o stalinismo. O stalinismo é mais que uma interpretação errônea ou uma aplicação defeituosa do marxismo: é a sua negação. Sob o stalinismo não há teóricos, apenas táticos.

FF – *Como Suslov³? E os teóricos oficiais do marxismo na União Soviética?*

³ Mikhail Andreyevich Suslov (1902-82) foi um dos mais importantes e poderosos políticos soviéticos. Membro do Partido Comunista da União Soviética, Suslov atuou diretamente

GL – Quer na União Soviética ou em outros países socialistas, o marxismo oficial é sempre uma coisa miserável. Sob a bandeira do *Diamat* [materialismo dialético], professores medíocres explicam os problemas do mundo aplicando mecanicamente fórmulas simplistas que repetem com catequética monotonia. Isso é o que ilegalmente é entregue como marxismo. Pode servir a certo propósito didático ou propagandístico, mas não tem nada que ver com marxismo. Nós ainda somos stalinistas. O stalinismo é mais que as maldades de Stálin, ele não pode ser entendido tomando-se por referência as categorias da moral. É simplesmente a substituição da teoria pela tática.

FF – *Pode-se entender sua preocupação tática com os marxistas que chegaram ao poder, mas seu criticismo também se aplica aos marxistas nos países onde os Partidos Comunistas estão na oposição, como no Ocidente capitalista?*

GL – Eu acredito que sim. Eu estou espantado com algumas daquelas situações políticas. Olhe, por exemplo, a discrepância entre a força organizacional do Partido Comunista Italiano e seu pequeno peso teórico. Eu não estou certo sobre a razão disso. Não há dúvida de que Togliatti⁴ era um político de primeira classe, era mesmo um grande tático, talvez sua curiosidade teórica fosse limitada... Contaram-me que ele tinha o hábito de um bom burocrata. Novamente, repito, nós somos de esquerda somente nas táticas. Nós corremos atrás dos movimentos de protesto sem entendê-los, sem dizer nada sobre tê-los previsto. Por exemplo, nós chamamos os países árabes de socialistas. Nós aceitamos sem hesitação rótulos como União Árabe Socialista. Isso tudo é realmente risível. O que tem de socialista no mundo árabe ninguém sabe. No máximo, poderíamos dizer que é um movimento a caminho de uma identidade nacional, mas não a caminho do socialismo. África, Ásia, América Latina são apenas frases em Marx. Nós devemos estudar esses países e suas economias com o método de Marx. Na falta disso, há apenas abstrações, não há análises sérias.

FF – *Mas, talvez, não seria o momento da abstração fundamental para a construção da teoria geral?*

no sufocamento das revoltas na Hungria, em 1956, bem como no combate às forças de oposição ao stalinismo na Checoslováquia, em 1968. [NT]

⁴ Palmiro Togliatti (1893-64) foi membro do Partido Socialista Italiano desde 1914. Auxiliou na fundação do Partido Comunista Italiano (PCI). Ajudou a difundir as obras de Lênin, traduzindo-as. Fundou, juntamente com Antonio Gramsci, o periódico *L'Unità*. Foi secretário-geral do PCI e ocupou cargos no governo italiano, entre 1944-6. Após o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em 1956, quando foram denunciados os expurgos do período stalinista, Togliatti apresentou a tese *Via italiana ao socialismo*, mais tarde consolidada com o desenvolvimento do *eurocomunismo*. [NT]

GL – Certamente, e serei o último a negar a importância do momento da abstração em nome do mal compreendido materialismo ou empirismo. Isso é precisamente o que os positivistas não entendem, os fatos devem ser interpretados, e, portanto, eles devem ser transcendidos. É uma questão do que vem primeiro, fatos ou abstração. Não há antes nem depois. Se nós esquecemos isso, caímos na hipóstase dos termos do problema e é inevitável a recaída na metafísica insolúvel. Eu não entendo toda essa movimentação em torno do além dos fatos. Os fatos são um fato. Que o ser é, isso é um acordo. Não há qualquer razão para estabelecer hierarquia entre ser e consciência. Verdade, Marx escreveu que o “ser cria o pensamento” e não o contrário. E o marxismo de fato baseia seu materialismo histórico na prioridade do ser social sobre a consciência social, mas se trata de uma prioridade *sui generis*, não deve ser tomada literalmente. É um grande erro subordinar a consciência ao ser. Na realidade, a consciência que temos do ser social nos permite agir sobre o ser social e transformá-lo. Somente por esse caminho podemos escapar do peso empírico do ser.

FF – Talvez isso explique por que o significado das pesquisas empíricas escapa-lhe tão completamente. Parece que para você a pesquisa é feita meramente para dar suporte ao que já é sabido no nível conceitual subjetivo. Basicamente, você nega que importantes novas descobertas podem forçar a reabertura do esquema teórico, portanto, a função criativa da pesquisa lhe escapa.

GL – De forma alguma. Eu, evidentemente, reconheço a fundamental importância da análise documentada contra abstrações gratuitas e arbitrarias. O próprio Marx considerou seus escritos de juventude puramente filosóficos no sentido tradicional. Ele pensava que seu trabalho verdadeiramente importante era *Das Kapital*, isto é, a análise da sociedade capitalista de sua época... O marxismo defende a análise científica, mas isso não é o mesmo que análise positivista, que é escravizada pelos fatos que ela não pode interpretar. O marxismo científico é muito menos simpático à análise idealista. A crítica de Marx à economia política clássica, especialmente de Smith e Ricardo, é um grande exemplo da crítica científica. Suas teorias eram basicamente estáticas e, assim, não podiam dar conta do movimento da sociedade. Marx coloca seus fatos estáticos (o mercado, o trabalho, as mercadorias etc.) em um ambiente histórico específico, redefinindo-os em termos dialéticos, sendo capaz, assim, de dar conta do movimento histórico sem eternizá-lo ou reificando qualquer de suas particularidades. Assim, ele devolveu ao homem sua história. Para Marx, a história já não pertence à natureza. Tornou-se cultura, isto é, consciência humana, realização humana, responsabilidade humana. A história se tornou consciência social, que comanda, compreende e

transforma o ser social. É nesta perspectiva que eu rejeito qualquer hierarquia entre ser e consciência.

FF – É a esfera econômica, ou estrutural, que é decisiva na explicação marxista da sociedade.

GL – Mas você não pode isolar a esfera econômica, como você a chamou, de todo o resto. Motivações econômicas por si não explicam nada. Deve-se tomar cuidado com a interpretação mecânica do marxismo, que também está sujeito à interpretação positivista, e o resultado, tanto político quanto filosófico, é o oportunismo ou, como vimos, o stalinismo.

FF – Eu me pergunto se você concordaria que o esquematismo, ou a base do raciocínio científico dentro de um determinado horizonte histórico – problema, hipóteses, verificação –, tem validade em si, que é independente das contingências históricas.

GL – Isso significa simplesmente que o marxismo não deve ser dogmatizado, que há dentro dele um impulso crítico que afeta a doutrina específica. Eu já disse que o marxismo deve ser desenvolvido, que a obra de Marx deve ser lida para que seja concluída. Marcuse tentou isso dentro de um esquematismo que é essencialmente utópico, ele não é capaz de uma análise científica. Perdeu de vista a classe trabalhadora; sua idealização do subproletariado é completamente romântica e não possui uma base séria. Por outro lado, o momento da análise científica é fundamental; não pode haver nenhuma política verdadeiramente revolucionária sem uma anterior análise científica, que está relacionada com o quadro geral da história e da sociedade. Para o movimento revolucionário de hoje esta é a necessidade mais urgente. Na realidade, nós não temos política porque nós não temos teoria. Então, somos todos stalinistas. Stálin era um ótimo tático, em uma determinada situação, ele sabia imediatamente a melhor coisa a se fazer, e ele alcançou grandes êxitos. Ele com certeza estava certo contra Liebknecht e Rosa Luxemburgo. Da mesma forma, o pacto com Hitler e o aperto de mãos com Ribbentrop⁵ foram completamente justificados. Do ponto de vista tático, era um caso de mera necessidade. O grande mérito histórico de Stálin é ter compreendido essa imediatidade. Mas, infelizmente, Stálin não era marxista. Se me permite um paradoxo, Stálin era um trotskista. Contarei uma história para você. Entre Lênin e Stálin havia um desacordo acerca do papel e das responsabilidades das associações de trabalhadores. Trotsky dizia que elas deveriam ter como sua tarefa prioritária a construção do estado e, assim, deveriam agir em cada situação como um órgão do estado. Lênin, por outro lado, insistia que as associações

⁵ Ulrich Friedrich Wilhelm Joachim von Ribbentrop (1893-1946) foi ministro das Relações Exteriores da Alemanha Nazista, entre 1938 e 1945. [NT]

de trabalhadores deveriam se ver como organismos de massa e compreender sua responsabilidade institucional como a defesa dos interesses imediatos dos trabalhadores da produção. Assim, você compreende o que quero dizer quando digo que Stálin era trotskista.

Fato é que Stálin ainda não foi superado. Mesmo conosco na Hungria, mesmo na Polônia, ao passo que nós aprendemos a produzir algumas coisas, os planos continuam majoritariamente no papel. No nível prático, a agricultura está indo muito bem, mas a industrialização em geral não está funcionando. Carece de coordenação: as matérias-primas não chegam às fábricas a tempo, por exemplo. Nós precisamos aprender a conectar as grandes decisões do poder político popular às necessidades das pessoas, dos indivíduos. Planos abstratos criam anarquia, e a burocratização gerada por Stálin é um mal terrível. A sociedade está sufocada por ela. Tudo se torna irreal, nominalista. As pessoas não veem nenhum propósito, nenhum objetivo estratégico e, portanto, elas não se movem, assim, o problema do incentivo individual se torna insolúvel. É totalmente inútil renovar a ideia de ganho individual dentro dos ditames capitalistas, ou invocar as leis de mercado. Nós ainda pensamos o capitalismo como ele foi no último século, mas o mercado do século XIX está morto! Por outro lado, sob o stalinismo, perde-se o gosto pelas grandes alternativas. Que tipo de sociedade queremos construir? Uma sociedade socialista burocrática? Uma sociedade individualista, baseada na produção industrial em massa e no consumo? Uma sociedade pluralista, descentralizada, com baixa produtividade econômica? Essas questões parecem chatas e inúteis, e de fato são inúteis, porque são as questões estratégicas que o stalinismo não foi capaz de fazer. Stálin não apenas não era marxista, como ele golpeou o marxismo e, portanto, não temos hoje uma política real, nenhuma política baseada em um plano estratégico.

FF – *O que pode ser feito na União Soviética hoje para emergir do stalinismo e retornar ao marxismo?*

GL – Pouco – muito pouco, quase nada. Porque eles subordinaram a teoria à prática, nossos amigos soviéticos estão forçados a usar o marxismo simplesmente para racionalizar as necessidades políticas imediatas. Por exemplo, a disputa entre os soviéticos e os chineses não tem nada que ver com o marxismo. É meramente um conflito de tática política, que não pode ser resolvido porque não existe qualquer teoria geral marxista em jogo.

FF – *De onde você infere a não existência de uma teoria geral marxista aplicada aos nossos dias?*

GL – Do fato que temos perdido o chão, e as coisas parecem nos escapar. Há novos fenômenos sobre os quais não temos nada a dizer.

Esperamos pela grande crise do capitalismo, mas o capitalismo não tem uma crise significativa desde 1929, porque, por enquanto, o capitalismo tem dominado toda a vida social. Não gostamos de dizê-lo, mas é verdade. O consumo em massa dos trabalhadores se tornou um modo de eliminar as crises do capitalismo. Do mercado que Marx e Engels conheceram – estruturado, objetivo, revolucionário de várias formas em comparação à estupidez da vida rural e à tradição em geral – passamos ao mercado manipulado deste século. Enquanto nossa análise estancou, o capitalismo evoluiu continuamente. Nós paramos com Lênin. Depois dele, não houve marxismo.

Durante o século XIX, por exemplo, a extensão da jornada de trabalho foi uma questão importante. Ela foi de 14 horas para 13, para 12, para dez e assim por diante. Hoje, a questão é diferente. Não é tanto a extensão da jornada de trabalho que importa, mas como compreender e programar o que os trabalhadores farão durante seu famoso “tempo livre”; o que eles consomem, aonde vão, e assim por diante. No século XIX, o capitalista seria indiferente à capacidade de consumo dos trabalhadores. O capitalismo estava então interessado, sobretudo, nos investimentos básicos, na indústria pesada, e setores importantes da vida coletiva eram deixados de lado. Hoje, o capitalismo está profundamente interessado em toda a vida social, desde botas femininas até automóveis, de utensílios de cozinha aos meios de entretenimento. É uma mudança qualitativa sobre a qual sabemos pouco. Devemos ficar de olho na evolução das técnicas de produção e, conseqüentemente, na evolução da divisão do trabalho e nas repercussões da tecnologia produtiva para as funções profissionais e para a maneira como a luta de classes se apresenta.

FF – Estou interessado no papel dos intelectuais na conformação da teoria geral que você busca. Pode-se ainda considerar os intelectuais um grupo social apartado, ou são os intelectuais trabalhadores assalariados como outros quaisquer?

GL – Não, não me parece que intelectuais sejam pura e simplesmente trabalhadores assalariados como os demais. A assim chamada proletarização dos intelectuais não faz deles autênticos proletários. Intelectuais têm certas responsabilidades especiais. Entre nós, por exemplo, eles podem ter bastante poder e têm um papel importante nas decisões políticas. Mas continuam a reclamar. Como um adolescente com sua primeira namorada, ele tem orgulho dela, quer que seja vista em público, mas, ao mesmo tempo, sente vergonha. A relação do intelectual com o poder é ambígua. A propaganda oficial continua a falar sobre a “ditadura do proletariado”, mas os intelectuais que pretendem ser trabalhadores tornam-se ridículos. Como se pode esquecer que mesmo Marx e Engels eram

intelectuais e burgueses e, é claro, o próprio Lênin veio de uma família intelectual burguesa? Devemos lembrar o que Lênin nos ensinou, que a consciência socialista não nasce espontaneamente entre a classe trabalhadora, mas que ela lhes é trazida pelos intelectuais revolucionários. A forma exata como isso acontece varia de um período a outro, mas não há espontaneidade mecânica nisso, nenhum fatalismo.

Evidentemente, devemos a todo custo evitar o paternalismo dos intelectuais, pois o paternalismo é sempre autoritarismo velado e, portanto, mais traiçoeiro. Mas o medo do paternalismo não nos deve fazer fechar os olhos para a importância, sob certas circunstâncias decisivas, do papel desenvolvido pelas grandes personalidades na história. O que teria acontecido em 1917 na União Soviética sem Lênin? Podemos assegurar que em sua ausência teria acontecido a Revolução de Outubro? Socialismo é o que os homens fazem dele. Depende deles enxergar que a construção do socialismo não está interdita e fatalmente sufocada pela burocratização.

Recebido: 16 de novembro de 2016

Aprovado: 27 de julho de 2017

FERRAROTI, Franco. Uma conversa com György Lukács. Trad. Carolina Peters e Murilo Leite. Rev. téc. Vitor Bartoletti Sartori. *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras, v. 23, n. 2, pp. 242-251, ano XII, nov./2017. Título original: Conversation with Lukács.